

MEB
MOVIMENTO
DE EDUCAÇÃO
DE BASE

DOCUMENTOS DE ESTUDO

êstes documentos apresentam temas de estudos, muitos dêles ainda em fase de elaboração, necessitando discussão e aprofundamento. por isto, são de exclusivo uso interno do meb.

a equipe técnica nacional espera receber observações, críticas e sugestões que a ajudem neste trabalho.

EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

raul landim filho

1. COLOCAÇÃO DO PROBLEMA:

A questão a ser colocada é a seguinte:

Qual é a relação entre educação e conscientização? Esta é apenas um objetivo da educação de base? Surge, portanto, como finalidade, face ao atual momento histórico que exige opções claras e lúcidas e, portanto, conscientes? Ou, e este é o nosso ponto-de-vista, é a conscientização um elemento intrínseco da própria educação, elemento que, nas diversas fases da história da educação, foi ora implícita ora explicitamente colocado?

De passagem seria necessário relembrar que a educação, como "Paideia", como "bildung", enfim como formação da pessoa humana, ora tenta integrar o homem na sua "Polis" (educação grega), ora o desperta para o seu destino (visão cristã), mas sempre situa o homem dentro de um contexto histórico específico. E é nesta situação histórica que o homem se deve tornar consciente. Consciente de suas responsabilidades de cidadão, como pretendeu o movimento sofista na Grécia, consciente de suas responsabilidades de homem imagem de Deus, como acentua a Igreja na sua missão docente.

Enfim, educar, formando a pessoa humana, impõe sempre um dever de conscientizar, isto é, de tornar a pessoa consciente do que é e do que deve ser.

Se é mero objetivo, relativizável nas circunstâncias históricas, ou elemento intrínseco do próprio ato de educar, eis o problema. Mas de início constatamos historicamente que existe relação entre educação e conscientização, seja como finalidade, seja mesmo como componente essencial.

2. EDUCAÇÃO

Já definiríamos, no sentido lato, a educação como o processo que visa formar o homem. Educar é formar, é o caminho para a realização humana dentro de uma certa perspectiva ou idéia.

Assim, podemos constatar, historicamente, que já na Grécia é a imagem do homem adequado ao Cosmos, como Todo Perfeito, que determina a estrutura da educação grega. A Polis, o universo humano, deve repetir os ritmos harmoniosos do Cosmos. E a educação grega é paideia: formação para realização no universo propriamente humano. E já aí o movimento sofista de tendências diversas, e mais especificamente Sócrates - exemplo clássico de mestre educador - exigem, de modos diversos mas com fundo em comum, que cada homem relembre a epígrafe de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo."

Já então a educação inicia-se com um processo de conscientização.

Este exemplo ilustra e comprova que de algum modo, ao menos historicamente, a educação anda a par com a conscientização.

Evidentemente, os princípios e os objetivos podem variar historicamente e por isso varia também, muitas vezes, o sentido da conscientização. Isto ocorre porque, em última análise, varia a noção de pessoa humana. Creio que reside aqui a originalidade do problema da educação: O homem é nela princípio e termo.

Se "a educação é processo que consiste no desenvolvimento gradual de uma ou diversas funções que se aperfeiçoam pelo ato do seu exercício", urge lembrar que ela aperfeiçoa as faculdades do homem livre, isto é, que não se repete mas se inova e cria. A educação é processo exatamente porque visa um ser essencialmente dinâmico.

O aperfeiçoamento deste ser dinâmico só vai ser possível, em última análise, enquanto as estruturas do próprio dinamismo se revelam. E elas só se revelam pela conscientização. Entretanto, antes de abordarmos mais explicitamente este tema, precisaremos qual o sentido de uma educação que pretenda ser básica e integral.

3. EDUCAÇÃO DE BASE E INTEGRAL

Comumente, se entende por educação de base, aquela que proporciona os conhecimentos mínimos para se levar uma vida humana. Apesar de correta, esta definição não explicita suficientemente o que há de radical na educação de base. Básica é a educação que forma o homem na sua eminente dignidade de pessoa. Daí decorre, como condição primeira, o direito de viver humanamente.

Tomamos, portanto, o termo básico no sentido do que é primeiro, ou seja, no sentido de princípio, isto é, o que vem primeiro, o que é fundamental. Educação de base não é, portanto, aquela que é primeira apenas temporalmente, ou seja, inicial, como é a alfabetização para a instrução, mas que é primeira na medida em que é a mais radical para o ser do homem. Se a educação de base pretende dar os conhecimentos mínimos para se viver humanamente, ela não se afirma somente como a educação inicial, mas parte do fundamento último, portanto, princípio primeiro daquilo que torna a própria vida, humana, ou seja, parte do que é mais radical: a própria exigência da pessoa humana de se humanizar.

Ora, uma educação de base, isto é, uma formação que possibilita a realiza-

ção das exigências de humanização sempre crescentes da pessoa humana, deve ser também uma educação integral, ou seja uma formação que vise a pessoa em quanto todo harmonioso, com os seus múltiplos aspectos.

Finalmente, poderíamos definir a educação de base integral como o processo que visa a formação do que é primeiro no homem, enquanto princípio de um todo tomado em sua globalidade.

4. CONSCI ENTIZAÇÃO

Uma lição já clássica de filosofia greco-medieval, retomada pelos filósofos contemporâneos, é a da intencionalidade da consciência: não há consciência que não seja consciência de alguma coisa. Evidentemente, a consciência é em tão tomada no sentido de conhecimento, apesar de vários poderem ser os seus significados: "questão de consciência" como responsabilidade moral; "aprensão da consciência" como consciência psicológica etc...

É útil, para nós, tomar analogicamente a questão da intencionalidade, pois, só então, poderíamos definir conscientização como sendo o ato de dar consciência de alguma coisa.

Se ter consciência de alguma coisa exige dois termos, o sujeito que tem consciência e a coisa da qual se tem consciência, o ato de conscientizar é bem mais complexo, pois se conscientiza a alguém de alguma coisa, ou, em outros termos, o ato de se conscientizar exige uma comunicação entre dois sujeitos sobre coisas possíveis. Exige-se já então três termos: os dois sujeitos que se comunicam e que tomam consciência de alguma coisa comunicada. Conscientizar é, pois, o ato pelo qual uma pessoa, comunicando-se com outra pessoa, dá a ela consciência sobre alguma coisa a qual ela intenciona enquanto sujeito. É, entretanto, necessário evitar um equívoco: só a "grosso modo" conscientizar é dar consciência de alguma coisa a alguém, pois para se ter consciência de um objeto é necessário, como condição a priori, que haja consciência de si. Portanto, conscientizar é dar consciência a alguém do que ele é (consciência de si), do que são os outros (comunicação dos dois sujeitos) e do que é o mundo (coisa intencionada).

Porque vimos que conscientizar implica três termos, dois sujeitos e um objeto, podemos agora afirmar que o processo de conscientização implica em consciência de si e comunicação de sujeitos, pela mediação do mundo como objeto intencionado.

Formalmente, está colocado o problema da conscientização. Resta agora relacionar o aspecto formal da definição com os conteúdos históricos da sua formulação, isto é, ao se conscientizar, dá-se consciência de um mundo real, historicamente descoberto e modificado, comunicam-se dois sujeitos para os quais o mundo tem uma significação e o homem um determinado valor. Enfim, toda a conscientização ocorre dentro de um contexto histórico, ou seja, dentro de uma determinada consciência histórica, onde se situam filosofias diversas, projetos históricos diferentes etc...

Veremos, em primeiro lugar, a historicidade dos conteúdos concretos da conscientização, face às diversas concepções do homem, no decorrer da história.

e, posteriormente, às responsabilidades que acarreta o processo de conscientização,

4.1. Conscientizar é dar consciência do que é o homem - consciência de si, do que é o mundo, do que são os outros homens. Entretanto, em cada época histórica, o modo de se encarar o mundo (se é estático - ou aberto à criação humana), o modo por que se manifesta a comunicação dos homens (se é válida ou não uma estrutura de dominação) e, enfim, o valor da própria pessoa são variáveis. Em última análise, todo processo de conscientização traz em si uma concepção do homem, uma visão do mundo; logo, se insere numa consciência histórica.

Mas estas concepções variam, na medida em que as consciências históricas se modificam. A conscientização é, portanto, em concreto, histórica, isto é, o seu conteúdo é relativizável.

4.2. Uma segunda ordem de problemas que acarreta a conscientização é que, em última análise, todo homem, nas suas vivências, tem, implicitamente, uma concepção sobre o valor da pessoa, sobre o sentido da comunicação e o significado do mundo. Isto ocorre porque o homem pode-se definir como o ser que torna, em seus atos, o mundo humano e, portanto, o significa, e que se afirma como distinto das coisas, tendo, pois, consciência de si, relacionando-se com outros homens, dando assim um sentido à comunicação.

Vimos, pois, no primeiro item, que todo o processo de conscientização, embora expressando o que se chama de visão do mundo, é, nos seus conteúdos históricos, relativizável.

Vimos, no segundo item, que todo homem, por ser homem, em grau diversamente participado, é conscientizado.

Ora, o processo de conscientização, que no seu conteúdo é variável, comunica geralmente uma nova visão do mundo. Mas esta é, como foi visto, historicizável, portanto, sem valor absoluto. Ora, se todo homem tem, ao menos implicitamente, uma específica e própria visão do mundo, como se pode justificar o próprio processo de conscientização, que leva aos homens uma nova visão, que é histórica e, portanto, superável?

Exatamente porque necessita de justificação de seu valor e, portanto, de racionalização, que compreenda e explique o seu processo, a conscientização exige uma ideologia - justificação imanente do seu valor. Ora, a validade desta ideologia não pode ser dada pela consciência histórica, que é variável também, mas por aquilo que é o fundamento da história: a própria pessoa humana nas suas exigências de humanizar-se. Aqui confluem educação de base e conscientização.

5. EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

Foi visto anteriormente que a conscientização, na sua visão do mundo, é relativizável e, por isso mesmo, não apresenta um critério de validade, que não seja o da própria situação histórica; o único modo possível de justificar a conscientização seria então partir daquilo que é anterior e que, por isso mesmo, funda a própria história, isto é, a pessoa na sua exigência de

humanização. Ora, neste sentido, educação de base, isto é, educação que parte do que é fundamental, do que é primeiro, coincide com o próprio princípio da conscientização. Em última análise, uma conscientização válida é aquela que se preocupa com o homem no mundo, na sua dignidade de pessoa que transcende o mundo e cria um universo humano.

Ora, a educação de base é aquela que visa formar a pessoa humana, princípio e fundamento da própria educação, decorre pois, como consequência da valorização da pessoa, o dever de exigir um mundo humano.

A educação de base parte do que é primeiro, portanto, da pessoa humana.

A conscientização só é válida se atende às exigências da própria pessoa, isto é, se, no processo de se conscientizar, o valor do homem, o significado da comunicação e o sentido do mundo de adequam às exigências de humanização.

Um problema então se impõe:

Pode haver educação de base sem conscientização?

Pelo que já foi exposto cremos que não.

Sendo a educação de base aquela que se preocupa com a pessoa humana, só através do processo de conscientização, que evidencia o valor básico da pessoa, do seu dom, da sua comunicação, que explicita, portanto, a sua eminente dignidade, pode-se então evidenciar o sentido das próprias exigências do homem. Enfim, é impossível formar a pessoa humana, indicar-lhe seu direito à vida, seu dever para com os outros, sua iniciativa criadora de um mundo humano, sem dar consciência do valor da pessoa, da sua transcendência sobre o mundo etc...; enfim do que é ele, do que ele pode vir a ser.

Donde a conscientização é o início do próprio processo educativo que toma a pessoa como fundamento e a sua realização como fim.

outubro, 1963